

QUAL A FAMÍLIA JUDIA MAIS ANTIGA DE S. PAULO?

Paulo Valadares*

Resumo: *Qual a família judia mais antiga de S. Paulo? Judeus em S. Paulo. Cristãos-novos, bessárabios, poloneses, russos, turcos, refugiados do Nazismo e Fascismo vindos da Alemanha e Itália. A família Amzalak do Marrocos e Portugal. O poeta Castro Alves e sua musa judia. A família Costa Mesquita da França. O dentista de D. Pedro II. A genealogia Amzalak da Costa Mesquita.*

Abstract: *What's the most old jewish family in S. Paulo? Jews in S. Paulo. New-christians, bessarabers, polish and Russian jews, turchinos, refugees of Nazism and Fascism from Germany and Italy. The Amzalak family from Morocco and Portugal. The poet Castro Alves and his jewish muse. The Costa-Mesquita family from France. The dentist of D. Pedro II. The Amzalak da Costa Mesquita genealogy.*

No lançamento do livro *Passagem para a América. Relatos da Imigração Judaica em S. Paulo* (S. Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2003), organizado por Marília Freidenson e Gaby Becker, z"l.¹, no Museu da Imigração, Brás, ocorreu-me a pergunta: qual a família *halaquicamente*² judia mais antiga a viver em São Paulo? A resposta veio inesperadamente. Apresentado pela sr^a Paulina Faiguenboim à Fotógrafa Rosana Naggar, soube que ela descendia de Mary Roberta Amzalak, musa do poeta Castro Alves e um dos ícones fotográficos da exposição ali montada pelo Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. Interessado no tema, no ano em que S. Paulo comemorava 450 anos, procurei reunir dados desta família e assim pude responder à pergunta, recuperando a sua trajetória neste lado do Atlântico.

* historiador e professor.

¹ Abreviatura da expressão “*zichrono livracha* (de abençoada memória)”, aplicado aos judeus falecidos.

² Neologismo derivado de *Halakhah* (conjunto de leis religiosas judaicas) para significar “de acordo com esta legislação” que define como judeu: o nascido de mãe judia (linha feminina) e o convertido por um tribunal rabínico competente (*beit din*).

Os judeus em S. Paulo

A presença dos judeus ou os seus descendentes em S. Paulo vem do início da povoação européia destas terras. Mesmo sabendo que, entre os séculos XVI até o começo do XIX, a religião Católica Romana foi hegemônica, sendo proibida a prática de outras confissões religiosas no espaço ibérico, muitos descendentes de judeus já convertidos ao catolicismo vieram para S. Paulo. Tanto isto é verdade que a figura central da história paulistana, o Padre José de Anchieta (1534-1597), é trineto de Juan González Bermejo, queimado pela Inquisição como judaizante (praticante de costumes judaicos)³. Enquanto durou a proibição, outros cristãos-novos vieram para estas terras, alguns até praticando a religião proibida em segredo, tanto que dois residentes em S. Paulo, Teotônio da Costa Mesquita (1660-1686), morador em Santo Amaro, e Miguel de Mendonça Valadolid (1696-1731), da Penha, foram queimados como judaizantes. Somente na segunda metade do século XIX, é que chegaram os primeiros judeus de linhagem e religião, vindos principalmente da Alsácia. Eles eram comerciantes de artigos de luxo, notadamente na área de joalheria. Usualmente é um casal que dirige uma pequena loja até amealhar o pecúlio esperado, quando então se dirigem a Paris para gozar a aposentadoria, deixando a empresa para outro parente retomar o mesmo processo. Como não pretendiam ficar no país, eles não construíram sinagogas ou qualquer outra instituição judaica⁴.

No início da República chegaram a S. Paulo alguns imigrantes vindos da Bessárabia, hoje parte da Moldávia e Romênia, notadamente de uma região formada pelas *schtleitach* (aldeias) rurais de Securon, Ataki, Iedenitz e Britchon. Estes imigrantes chamaram os parentes, estabelecendo-se modestamente como pequenos comerciantes, principalmente no Brás e depois no Bom Retiro. Como pretendiam fixar-se, construíram os alicerces da comunidade moderna, como escolas, bibliotecas, sinagogas, sociedades de ajuda, hospital e os cemitérios comunais, durante os anos que se seguiram. Neste período de estruturação, três clãs se destacaram, são os Tabacows de Securon, os Tepermans de Iedenitz e os Klabins, vindos da Lituânia, de onde saíram grandes dirigentes (trabalho voluntário), gente com visão estratégica para esta empreitada. Este grupo reforçado por judeus poloneses e de outras nacionalidades do Império Russo, através dos seus descendentes, é o grupo majoritário da população judaico-paulistana.

O lento esfacelamento do Império Otomano empurrou membros de minorias etnoculturais para fora de suas terras. Muitos judeus de Sfat, Sidon e Iz-

³ SALVADOR, José Gonçalves. *Cristãos-novos, Jesuítas e Inquisição. Aspectos de sua atuação nas capitânicas do sul, 1530-1680* (S. Paulo: Pioneira, 1969), pp. 140-3.

⁴ Para uma história da imigração judaica para o Brasil: LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: Imigração, diplomacia e preconceito* (Rio de Janeiro: Imago, 1995).

mir, vieram para S. Paulo. Este grupo, conhecido genericamente como *turquinos*, dividiam-se entre os *sefaraditas* (de origem portuguesa e espanhola) e *mizrahim* (orientais). Já em 1924 foi criada a primeira sociedade sefaradita de S. Paulo para congregá-los. Eles mantinham contatos raríssimos com os judeus *asquenases* (oriundos da Europa). Dentre estas famílias encontram-se nomes como Calderón, Martins Lopes (Cohen) e Nigri, dentre outros⁵.

A ascensão do nazismo e fascismo nos anos trinta trouxe grandes preocupações para as comunidades judaicas na Europa, que viram os seus direitos civis serem restringidos e culminou com a tentativa de extermínio coletivo, como política do governo alemão. Nos anos que precederam a II Guerra ou mesmo durante o conflito, vieram para S. Paulo, judeus alemães em maior número e também italianos⁶ que se uniram em volta da Congregação Israelita Paulista, fundada em 1936, onde se destacou o Rabino Fritz Pinkuss (1905-1994), fundador da Cadeira de Hebraico na Universidade de São Paulo (USP), dentre tantas personalidades a escolher⁷.

Com a criação do Estado de Israel em 1948, muitos judeus do mundo árabe, sentindo-se hostilizados, migraram para S. Paulo. Os mais numerosos são os egípcios e libaneses. Os membros mais visíveis desta onda migratória são os banqueiros Safras, nascidos no Líbano, mas de origem *halabieh* (de Alepo, Síria).

Hoje, examinando as estelas funerárias dos três cemitérios israelitas paulistas onde repousam os membros da comunidade: de Vila Mariana, do Butantã e do Embu, se encontra gente de todas as origens geográficas, uma reunião de pessoas que nasceram entre Lisboa e Herat (Afeganistão), passando por uma centena de aldeias e capitais européias, asiáticas e africanas, além dos já nascidos neste continente⁸.

Mas qual, dentro deste rico universo humano, é a família mais antiga a viver em S. Paulo?

⁵ Para judeus sefaraditas em S. Paulo: MIZRAHI, Raquel. *Imigrantes judeus do Oriente Médio. S. Paulo e Rio de Janeiro* (S. Paulo: Ateliê, 2003).

⁶ Para judeus italianos em S. Paulo: CAMPAGNANO, Anna Rosa; PETRAGNANI, Sema. *A milenária presença de judeus na Itália. Resgatando a memória da imigração de judeus italianos no Brasil. 1938-1941* (S. Paulo: Atheneu, 2006).

⁷ Para judeus alemães em S. Paulo: HIRSCHBERG, Alice Irene. *Desafio e resposta. A história da Congregação Israelita Paulista* (S. Paulo: CIP, 1976).

⁸ Há exemplos de outros judeus nascidos em Lisboa, mas destaco o da Sr^a Maria João Canadas Mendes Lopes (1953-1972) e o Sr^o Mussa Behor Issaharof (1905-1964), nascido em Herat, ambos sepultados no Cemitério Israelita do Butantã, para autenticar esta afirmação.

Os Amzalaks

Com a expulsão da Espanha ou ameaçados pela conversão forçada em Portugal no final do século XV, muitos judeus sefaraditas buscaram outros locais de refúgio e um deles foi o Reino do Marrocos. Ali os *megorashim* (expulsos) encontraram os *tochavim* (autóctones) e desta interação originou-se a comunidade judaica *magrebina* (norte-africana) moderna. A *mishpahá* (família) Amzalak, cujo sobrenome é de procedência bérbere e significa “*fabricante de colares*” ou também “*calvo*”, pertence a esta comunidade ibero-africana⁹. Um membro desta linhagem, Moshe *ben* (= filho de) Yitshak Amzalak (1768-1858), foi um dos primeiros judeus que retornou a Portugal, depois da conversão forçada em 1497. Ele levou os filhos, de quem há importante descendência no país. O Professor Moses Bensabat Amzalak (1892-1978), um dos esteios da comunidade judaico-portuguesa, foi seu trineto em varonia¹⁰. Já velho, Moshe b. Yitshak subiu a Israel, onde morreu e foi sepultado no Monte das Oliveiras.

Um dos seus filhos, Isaac Amzalak, estabeleceu-se em Lisboa como comerciante e armador naval, mantendo negócios com Angola e o Brasil. Não se tem datas, mas em 1829 já o encontramos em Salvador (DOC. 1). Rico, proeminente, ele soube manter boas relações com o *establishment* baiano. Tanto que na Sabinada postou-se no lado governista, a ponto de sofrer perdas avaliadas em 5594 libras esterlinas, resultado do vandalismo revolucionário. As suas testemunhas no pedido de indenização são alguns personagens da história brasileira: o riquíssimo Conde de Passé (1793-1877), o Barão de S. Lourenço (1807-1872), o Barão de Cotegipe (1815-1889), entre outros personagens.

Isaac Amzalak casou-se com a triestina Anna Grazia Levi em 1844 (DOC. 2). O casal morou na Rua do Sodré em Salvador. Deste casamento nasceram sete filhos, quatro homens e três mulheres. As meninas ganharam celebridade pela beleza invulgar e também por inspirarem o poeta Castro Alves (1847-1871) em vários poemas. Algo que já acontecera a uma prima lisboeta, Esther Abudarham Amzalak (1845-1907), musa do escritor português Tomás Ribeiro (1831-1901) no poema “*A judia*”¹¹. Como as irmãs Amzalak, estavam na mesma faixa etária, não se sabe com certeza qual delas foi a musa do vate baiano. Ora aponta-se Esther, ora aponta-se Simy ou Mary Roberta como inspiradoras dos poemas: “*Hebréia*” (1866), “*Pálida madona*” e “*Esther*” de Castro Alves. Isaac

⁹ FAIGUENBOIM, Guilherme; VALADARES, Paulo e CAMPAGNANO, Anna Rosa. *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes/Dictionary of Sephardic Surnames* (S. Paulo: Fraiha, 2004), p. 177.

¹⁰ ABECASSIS, José Maria. *Genealogia Hebraica. Portugal e Gibraltar. Séculos XVIII, I*, p. 327-8.

¹¹ ABECASSIS, José Maria. *Obra citada*, I, p. 315.

morreu em 1872. Algum tempo depois já encontramos a sua viúva morando em S. Paulo, talvez na casa da filha Mary Roberta Amzalak (DOC. 3), casada com o dentista francês Samuel Edouard da Costa Mesquita, casal que deu origem ao ramo paulistano, focalizado a seguir.

Os Costa-Mesquitas

O dentista francês Samuel Edouard da Costa Mesquita chegou ao Brasil na última metade do século XIX. Ele veio de Paris para a Corte onde seu pai, Mardochee da Costa Mesquita foi comerciante. Não se sabe muito dos Costa-Mesquitas, judeus parisienses de origem portuguesa. O nome da família indica que eles são descendentes de cristãos-novos foragidos da crueldade inquisitorial.

Há uma família de cristãos-novos que pode ser a ancestral do dentista parisiense. Alguns elementos comuns sugerem esta procedência. A começar pelo duplo sobrenome, que começou com o banqueiro cristão-novo português Gaspar da Costa de Mesquita, filho de Manuel Gomes da Costa e Catarina de Mesquita, trágico personagem que viveu em Roma, junto à mãe e outros aparentados e que ao retornar a Portugal envolveu-se numa briga na botica (farmácia) do poeta cristão-novo António Serrão de Castro (1610-1684), que também era seu parente. O número de cristãos-novos envolvidos com Serrão chamou a atenção dos Inquisidores e logo a maioria deles foi presa ou processada. Gaspar foi preso em 1662¹².

O resultado desta caçada foi doloroso para todos os envolvidos. Serrão ficou preso por muitos anos, um filho foi queimado pelo Santo Ofício e, quando foi solto, estava quase cego e para manter-se viveu como mendigo nas ruas de Lisboa. Outro dos denunciados, o ourives lisboeta Luís Mendes da França, ao sair da prisão, fugiu para a França, onde dois anos depois suicidou-se, mas deixou descendência. O primeiro-ministro francês Pierre Mendés-France (1907-1982) foi seu sétimo-neto. Já Gaspar da Costa de Mesquita foi condenado a “*cárcere e hábito perpétuo*”, dois filhos (Micaela dos Anjos e José da Costa Mesquita) também receberam a mesma pena e um terceiro, Teotônio da Costa Mesquita que viveu no bairro de Santo Amaro em S. Paulo, foi queimado como judaizante. Depois da pena aplicada a José, este ausentou-se de sua paróquia e desapareceu sem deixar rastros. Ele pode ter fugido para a França e ter dado origem aos Costa Mesquitas de Paris; é uma hipótese que proponho.

Entre o desaparecimento do “paulistano” José da Costa Mesquita depois que lhe queimaram o irmão Teotônio em 1686 e o aparecimento do comerciante

¹² Sobre a família Costa Mesquita cristã-nova: BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Tribulações do Povo de Israel na S. Paulo Colonial*. Dissertação de Mestrado em História Social, FFLCH-USP, 2006, pp. 197-206.

francês Mardochée da Costa Mesquita no Rio de Janeiro no começo do século XIX, não encontrei registros da família, exceto, a ajuda dada pela Comunidade Judaica de Amsterdã para Abraham da Costa Mesquita em 1788 e Rafael da Costa Mesquita em 1790 comprarem passagens para ir ao Suriname e Bordeaux, respectivamente. Era política da comunidade sefardita em Amsterdã fornecer recursos para os pobres buscarem outras paragens e tentarem outras formas de inserção econômica. Nada mais¹³.

Samuel Edouard da Costa Mesquita, descendente ou homônimo destes cristãos-novos do século XVII, teria chegado ao Rio de Janeiro em 1860. Ele foi um sujeito trabalhador e religioso. Foi também um grande proprietário urbano em S. Paulo, possuiu um latifúndio imobiliário na Colônia da Glória (hoje Vila Mariana), onde é nome de logradouro público (Rua Mesquita)¹⁴. Há registros que clinicou em Campos, S. Paulo, Campinas, Sorocaba. Teve entre os seus pacientes D. Pedro II (1825-1891), Imperador do Brasil e orientalista diletante (DOC. 4). Dele recebeu a importante Ordem da Rosa e mais tarde uma condecoração de Napoleão III (1808-1873). Pertenceu a Sinagoga *Shel Guemilut Hassadim* do Rio de Janeiro, primeira sociedade judaica brasileira organizada (excluindo o período holandês). Por dirigir as orações coletivas, assim como o sogro Isaac, é sempre mencionado como rabino, apesar de não ter a *semihá* (ordenação formal). Quando ele voltou a Paris, em 1868, proferiu na *Alliance Israelite Universelle*, da qual era sócio, uma palestra sobre os judeus brasileiros. Como já se disse, ele casou-se com a bela Mary Roberta Amzalak, uma das musas de Castro Alves e teve quatro filhos, por onde prosseguiu a descendência do pioneiro chegado ao Brasil em 1829.

Título Amzalak da Costa Mesquita (Portugal e França), S. Paulo

Aproveitando várias fontes já publicadas, lápides tumulares no cemitério dos Protestantes (S. Paulo) e algumas entrevistas, podemos construir esta genealogia assim¹⁵:

¹³ OLSENN, Vibeke Sealtiel. “*List of Portuguese-Sephardim who care were paid to leave Amsterdam, 1757-1813*”. Em: www.saudades.org/leaveamsterdam.html. Acesso em 08 de abril de 2007.

¹⁴ PIRES, Walter. *Configuração territorial, urbanização e patrimônio: Colônia da Glória (1876-1904)*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, FAU-USP, 2003, capítulo 3.

¹⁵ ABECASSIS, José Maria. *Obra citada*, I, títulos *Alkaim* e *Amzalak*, pp. 287, 346-348. WOLFF, Egon e Frieda. *Dicionário Biográfico. Judeus no Brasil – Século XIX*, II. (Rio de Janeiro: Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro, 1987). Agradeço a Sr^a Marita Gama informações que permitiram corrigir algumas fontes usadas neste trabalho.

§ 1º

- I – **ISAAC AMZALAK** (? – Salvador, 1872), filho de Moshe b. Yitshak Amzalak. Comerciante e armador. Casou-se por procuração em 14 de agosto de 1844 (29 Av 5604) com **ANNA GRAZIA DI MOÏSE LEVI** (Trieste, 1824 – S. Paulo, 1898). São os pais de:
- 1 (II) – **MOSES AMZALAK**. Há dúvidas sobre a sua existência.
 - 2 (II) – **JOSÉ AMZALAK** (Salvador, 1847 – S. Paulo, 1884).
 - 3 (II) – **SIMY AMZALAK** (Salvador, 1851 – Rio de Janeiro, 1920), casada por duas vezes e com geração. O primeiro casamento foi com o fotógrafo **ALBERT HENSCHEL** (1887-1927), um dos proprietários da “Photographia Allemã” e depois com o Almirante **JOSÉ CARLOS DE CARVALHO**, veterano da Guerra do Paraguai e responsável pelo transporte do meteorito Bendengó, do sertão para o Rio de Janeiro. **STELLA GUERRA DUVAL** (1879-1971), fundadora da Pro-Matre, destinada a mães desamparadas, era filha de Simy e de Henschel.
 - 4 (II) – **ESTHER AMZALAK** (Salvador, 1853 – Alemanha, 1932?), ao casar-se com o fotógrafo **JOSEF HENSCHEL**, irmão de Albert, mudou-se para a Alemanha, onde ao que parece os seus descendentes foram assassinados em campo de extermínio nazista.
 - 5 (II) – **MARY ROBERTA AMZALAK**, *que segue*.
 - 6 (II) – **ABRAHAM AMZALAK** (Lisboa, 1855 – S. Paulo, 1929), corretor de fundos públicos, solteiro.
 - 7 (II) – **Capitão-de-fragata LEÃO AMZALAK** (1859 – Rio de Janeiro, 1919). Casou-se com **LEOCÁDIA PEREIRA DE SOUSA BARROS**, filha do Barão de Vista Alegre. Um filho do casal foi o General **OSCAR DE BARROS AMZALAK** (1890-1978) e uma filha, **MARINA DE BARROS AMZALAK** foi secretária pessoal do Presidente Getúlio Vargas.
- II – **MARY ROBERTA AMZALAK** (Lisboa, 11 de outubro de 1854 – S. Paulo, 20 de novembro de 1932), filha de Isaac Amzalak, casou-se com o Dr. **SAMUEL EDOUARD DA COSTA MESQUITA** (Paris, 24 de janeiro de 1837 – S. Paulo, 13 de janeiro de 1894), filho do comerciante francês Mardochee da Costa Mesquita e Emilie Athias. Ambos falecidos no Rio de Janeiro (em 1856 e 1862, respectivamente). Foram testemunhas do casamento de Mary Roberta e o Dr. Mesquita: o fotógrafo berlinense Albert Henschel, este, casado com Simy Amzalak, e Jayme Esnaty, corretor português radicado no Rio de Janeiro. O Dr. Mesquita foi dentista e proprietário urbano. O casal é pai de:

- 1 (III) – MARDOCHÉE DA COSTA MESQUITA, *Marcos* (S. Paulo, 1875 – idem, 1890), morreu solteiro.
 - 2 (III) – Dr. ISAAC AMZALAK DA COSTA MESQUITA (S. Paulo, 1877 – Rio de Janeiro, 1960). Este talvez seja o *mohel* (circuncisador) Costa Mesquita citado em vários relatos de pioneiros. Ele teria circuncidado, dentre outros, a Abrahão Brickman (1910-1981), futuro médico homeopata, na casa de Miguel Lafer (pai do Ministro Horácio Lafer). Isaac foi advogado da “Mate Laranjeiras”. Casou-se com ESTHER MENDES GONÇALVES, sem geração.
 - 3 (III) – SARAH AMZALAK DA COSTA MESQUITA, nasceu em S. Paulo. Casou-se com o Dr. JOÃO MONTEIRO FILHO, filho do diretor da Faculdade de Direito de S. Paulo. Oito filhos.
 - 4 (III) – EMÍLIA AMZALAK DA COSTA MESQUITA, *que segue*.
- III – EMÍLIA AMZALAK DA COSTA MESQUITA, *Folota*, nasceu e morreu em S. Paulo (? – 7 de dezembro de 1967), filha de Mary Roberta Amzalak. Casou-se com ELIAS ALKAIM (Lisboa, 20 de outubro de 1871 – S. Paulo, 19 de março de 1923), filho de Meir Alkaim e Simy Benoalid, fiscal do Imposto de Consumo. A casa da família é mencionada como uma sinagoga freqüentada pela primeira geração dos Klabins¹⁶. São os pais de:
- 1 (IV) – MAY DA COSTA MESQUITA ALKAIM (S. Paulo, 1910 – idem, 1931). Solteira, sem geração.
 - 2 (IV) – STELLA DA COSTA MESQUITA ALKAIM (S. Paulo, 1912 – 1915).
 - 3 (IV) – REGINA HANNAH ALKAIM. Morou na rua Sarandi, 78, em S. Paulo.
 - 4 (IV) – SIMY DA COSTA MESQUITA ALKAIM, *que segue*.
- IV – SIMY DA COSTA MESQUITA ALKAIM, n. em S. Paulo, filha de Emília Amzalak da Costa Mesquita. Casou-se com o Dr. ANTONIO CARLOS GAMA RODRIGUES (Cruzeiro, 1904 – S. Paulo, 1964), filho do Dr. Antonio da Gama Rodrigues e Leduína Braga, médico e professor universitário. São os pais de:
- 1 (V) – MARITA SIMY GAMA, que foi casada com ARMAND NAGGAR, judeu egípcio. São pais de : MARISA, ROSANA e CARLOS.
 - 2 (V) – ANTONIO CARLOS GAMA RODRIGUES FILHO, pai de: CARLOS e ADRIANA.

¹⁶ GREIBER, Elizabeth Loeb. *A família Klabin* (datilografado), 2001, p. 48.

Conclusão

Este é o pequeno levantamento genealógico de uma linhagem judaico-brasileira, que pretendeu responder somente a pergunta: qual a família *halaquicamente* judia a viver por mais tempo em S. Paulo? Esta família que tomei como paradigma vive há 130 anos em S. Paulo ou há quase dois séculos no país. Não encontrei nenhuma outra com o mesmo tempo de vida no Brasil. O que lhe dá, com toda probabilidade, não só a condição paulistana, mas também a brasileira desta permanência.



Fig. 1 – Isaac Amzalak (§ 1º nº 1)



Fig. 2 – Ketubá (contrato de casamento) de Isaac Amzalak e Anna Grazia Levi



Fig. 3 – Mary Roberta Amzalak (1854-1932)

O DR. MESQUITA

Medico cirurgião dentista da casa Imperial,
formado pelas faculdades de medicina
de Pariz e Rio de Janeiro

Desde 1856 estabelecido com um acreditado gabinete de cirurgia dentaria na côrte, aos seus estudos profissionaes e longa pratica, por suas viagens á Europa e Estados-Unidos e sua correspondencia contínua com os principaes collegas d'esses paizes, tem podido juntar todos os progressos que a cirurgia e arte dentaria têm feito e fazem ainda ser elle mesmo iniciador de systemas de operações e trabalhos que foram adoptados em Pariz, e trazer ao seu gabinete actualmente n'esta capital todos os aperfeiçoamentos que para o publico são verdadeiras garantias de

Collocação de dentaduras artificiaes da maior
perfeição e commodidade

Operações cirurgicas dentarias de 1ª classe—SEM DÔR
Extracção de dentes sem dôr

Cura das molestias da bocca e conser-
vação dos dentes

E' encontrado e recebe chamados por escripto a qualquer
hora no seu gabinete

27--RUA DIREITA--27

São Paulo

Fig. 4 – Anúncio publicado no *Almanach Litterario* de S. Paulo para o ano de 1876